

UM PANORAMA DA HISTORIOGRAFIA DO TURFE NO BRASIL: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

AN OVERVIEW OF TURF HISTORY IN BRAZIL: POSSIBILITIES AND PERSPECTIVES

UNA VISIÓN GENERAL DE LA HISTORIAL DEL TURF EM BRASIL: POSIBILIDADES Y PERSPECTIVAS

Marcelo Rezende Ricci¹

Resumo: Conhecer as produções historiográficas sobre um determinado tema é fundamental para qualquer investigação com perspectiva histórica. Com o objetivo de analisar os principais trabalhos realizados sobre o turfe no Brasil, este trabalho, com base nas produções internacionais, se dedica a identificar os aportes teóricos e metodológicos mais comuns da ciência histórica e apontar novas possibilidades para estudar este tema. Os resultados nos mostram que, ainda que a quantidade de trabalhos tenha crescido na última década, as abordagens são limitadas.

Palavras-chave: Historiografia; Pesquisa; Turfe.

Abstract: Knowing historiographic productions on a given theme is fundamental for any research with historical perspective. With the objective of analyzing the main works carried out on turf in Brazil, this work, based on international productions, is dedicated to identifying the most common theoretical and methodological contributions of historical science and pointing out new possibilities to study this theme. The results show that, although the number of jobs has grown in the last decade, the approaches are limited.

Keywords: Historiographic; Study; Horserace.

Resumen: Conocer producciones historiográficas sobre un tema determinado es fundamental para cualquier investigación con perspectiva histórica. Con el objetivo de analizar los principales trabajos realizados sobre turba en Brasil, este trabajo, basado en producciones internacionales, se dedica a identificar las contribuciones teóricas y metodológicas más comunes de la ciencia histórica y señalar nuevas posibilidades para estudiar este tema. Los resultados muestran que, aunque el número de puestos de trabajo ha crecido en la última década, los enfoques son limitados.

Palabras clave: Historiografia; Pesquisa; Turf.

Introdução

Nos últimos anos, as produções de natureza historiográfica têm sido constantes, realizando balanços que proporcionam uma visão geral de um setor específico do conhecimento histórico. Esse tipo de trabalho é de fundamental importância para que um pesquisador possa identificar não apenas os caminhos percorridos pelas investigações históricas sobre uma determinada temática, como também apontar as lacunas de pesquisa. No entanto, os debates historiográficos nos estudos de história do esporte têm sido pouco abordados.

Uma pesquisa em história deve procurar dialogar com os trabalhos anteriormente realizados, para que sua contribuição no campo historiográfico possa ser com qualidade e propriedade. Assim, a partir de um levantamento criterioso e sistemático das investigações realizadas sobre o turfe no Brasil nos últimos anos, este trabalho se dedica a apontar quais as principais fontes utilizadas, as regiões mais estudadas e as perspectivas de pesquisa teóricas e metodológicas mais comuns acerca desta temática.

Para isto, esta pesquisa terá como referência um breve panorama das produções internacionais sobre o turfe, que pode nos ser útil para observar a produção nacional sob uma melhor perspectiva. Após lançar um olhar crítico sobre as produções internacionais e nacionais, ao final serão apontadas algumas dimensões que podem tanto contribuir para algumas iniciativas de pesquisa, quanto para a formação do campo da história do turfe no Brasil.

O turfe e a historiografia internacional

A partir da década de 1960 as pesquisas em história do esporte vêm se consolidando nos centros de investigação da Europa e dos Estados Unidos da América, com o surgimento de novas associações de historiadores do esporte, com a manutenção de revistas dedicadas à essa temática e com a realização frequente de congressos e simpósios. Ainda que Melo e Fortes (2010) tenham reconhecido a consolidação da história do esporte fora do Brasil, os autores também indicam que as produções nessa área enfrentam pouco prestígio e valor acadêmico nas áreas da História e da Educação Física.

Indo ao encontro do que Wiggins e Mason (2005) argumentaram, a produção acadêmica sobre história do esporte necessita muitas vezes de uma legitimação teórica, fazendo o uso de intelectuais consagrados nas ciências humanas – como Guttman (1978) e Elias (1994) – para sustentar seus argumentos e posições. Nota-se, portanto, que por mais consolidada que esta área de estudo esteja, os embates teóricos e metodológicos se mantêm constantes, revelando um campo investigativo aberto e em disputa.

Ao realizar um breve levantamento das produções internacionais sobre o turfe, os trabalhos de Vamplew (1976, 1983) se apresentam como um dos pioneiros nessa área. Em uma das primeiras coleções de teoria e pesquisa acadêmica sobre o comportamento dentro e em torno dos esportes, o autor lança um olhar crítico e descritivo sobre as diferentes condutas violentas das multidões que frequentam os estádios de futebol e os hipódromos na Inglaterra. Vamplew argumenta que a combinação de medidas repressivas e reformativas realizadas por parte dos promotores dos eventos esportivos, alcançou um certo grau de sucesso na melhoria do comportamento da multidão. O controle da venda de bebidas alcoólicas, a regulação das apostas, a segregação da multidão, a exclusão de espectadores mais problemáticos, a melhoria na conduta do esporte e a cobrança de taxa para o ingresso nos eventos, constituem medidas concebidas pelos promotores, afim de solucionar os problemas ocasionados pelas multidões. Para Vamplew, essas medidas foram suficientes pra resolver ou diminuir quase todos os tipos de conflito dentro e em torno dos esportes, com exceção dos distúrbios ocasionados pelos protestos da classe trabalhadora, que utilizavam dos eventos esportivos como uma plataforma para expressar e reivindicar suas queixas enquanto classe social.

Anos mais tarde, o trabalho de Vamplew e Tolson (2003) contribuem para um debate bastante caro à historiografia do esporte. Os autores reavaliam a importância dada por outros historiadores do esporte ao papel das ferrovias para o desenvolvimento do turfe inglês e sugerem outra causa mais determinante para o sucesso deste esporte. Os autores indicam que o novo modelo de pistas de corridas fechadas, que ofereciam prêmios mais altos e cobravam taxas para o ingresso dos entusiastas, gerou alterações estruturais mais significativas na dinâmica das corridas de cavalo na Inglaterra de 1830 a 1914. Observa-se, no entanto, que o cercamento das pistas de corridas e dos estádios de futebol, se por um lado trouxeram melhorias significativas que impulsionaram a consolidação deste esporte, por outro, acabam por excluir uma parte dos entusiastas que não tinham condições de arcar com os custos de entrada do evento esportivo.

Essa abordagem que problematiza a relação entre o desenvolvimento do esporte moderno e o surgimento das ferrovias é uma referência fundamental para estudar as corridas de cavalo no Brasil, principalmente para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, cabe uma problematização mais ampliada, não apenas com relação às ferrovias (identificando os acionistas das empresas das estradas de ferro, o valor cobrado nas tarifas em dias de evento), como também com relação a outros fatores que influenciam na dinâmica deste esporte (cobrança de taxas de ingresso, valores dos prêmios, categorização das corridas).

Em outra publicação, Vamplew e Kay (2006) discutem o amadorismo de alguns corredores e a prática de pagamentos ilegais por parte dos proprietários. Os autores mostram um processo de burocratização e comercialização das corridas de cavalo, na passagem do século XIX para o XX, indicando um esporte cada vez mais sujeito aos regulamentos do Jockey Club. Evidenciam, portanto, um processo de profissionalização do esporte, a partir do qual os proprietários de cavalos passam a contratar jockeys que tivessem uma dedicação profissional à prática esportiva. Vale acrescentar que os clubes esportivos se constituem como uma das plataformas de divulgação e fixação destes valores de burocratização, comercialização e profissionalização. Ainda sobre o turfe inglês, Pinfeld (2008) nos apresenta os usos sociais deste esporte para as altas classes sociais inglesas do século XIX. Para o autor, os membros das elites faziam das corridas momentos nos quais se reforçavam e se reproduziam seus status e prestígios sociais.

A partir da mesma abordagem que Pinfeld, o historiador argentino Roy Hora (2014a; 2014b), entende o hipódromo como uma janela de exposição dos poderes da elite argentina, local em que a participação e ocupação dos setores subalternos nos espaços organizados pelas classe dominante se configura como uma reprodução das hierarquias sociais. Na narrativa de Hora, os setores populares, apresentados à margem do espetáculo, são os espectadores admirados. A ampla disputa entre os proprietários de cavalos e os corredores, em torno das questões de autoridade, hierarquia e hegemonia esportiva, é um dos pontos mais altos dos trabalhos, em que o autor inclui as análises das atividades esportivas nas relações econômicas e políticas da sociedade argentina daquele período. Para além dessa disputa, Hora (2018) descreve oito diferentes categorias de atores sociais envolvidas no universo do turfe, desde os proprietários dos cavalos e dos hipódromos, até os trabalhadores submetidos às ordens dos treinadores. Seu objetivo é explorar como as novas realidades da organização e divisão do trabalho incidiram sobre a dinâmica das corridas de cavalo nos hipódromos durante o governo peronista. O Jockey Club de Buenos Aires, em meados do século XX, já reconhecido como o principal símbolo público da elite argentina, precisou se adaptar a um novo cenário dominado por um governo de inspiração populista e antielitista. Do mesmo modo que o governo peronista também enfrentou os dilemas com relação ao hipódromo, considerado por um lado um reduto do poder oligárquico, e por outro, um local frequentado por setores que integravam sua base política, dada a popularidade do turfe.

Adotando uma abordagem mais voltada aos fatores econômicos, para Gleaves (2012) é comum uma leitura anacrônica, a partir de uma noção idealizada das corridas de cavalo, que associa as medidas antidoping a um suposto melhoramento do esporte. Segundo o autor, as motivações dos sujeitos envolvidos com as corridas de cavalo da Inglaterra e dos EUA, na passagem do século XIX para o XX, não eram morais, mas econômicas, visto que estas medidas eram entendidas como ferramentas de manutenção das operações de apostas, dinâmica fundamental que sustentou e impulsionou o turfe da época. De acordo com tipo ideal de esporte moderno proposto por Guttman (1978), Gleaves nos mostra que tanto a condição de igualdade entre os participantes, quanto a racionalização do esporte eram condições que os promotores das corridas buscavam a partir do controle antidoping. Reiss (2014), no mesmo campo da história econômica do esporte, retoma as origens das corridas de cavalo nos EUA no período colonial descrevendo seu desenvolvimento, até seu declínio nos últimos anos. Para o autor, outros fatores externos ao turfe, como o surgimento de novos jogos de apostas (caça-níqueis e cassinos) e o uso generalizado de substâncias ilegais para melhorar o desempenho dos cavalos (doping), também tem um peso determinante no declínio deste esporte, concorrendo com ele pelo apreço e envolvimento dos fãs.

Para além destas abordagens acima apresentadas, a obra de Mooney (2014), *Race Horse Men*, oferece uma nova possibilidade de pesquisa relacionando o turfe com a instituição da escravidão. A autora descreve um mundo de privilégios patriarcais, sociais e econômicos, onde a experiência de alguns corredores negros escravizados mostra que eles poderiam alcançar um certo grau de reconhecimento nesta prática esportiva, mesmo submetidos a uma condição violenta de escravidão. As pistas de corrida se constituem, portanto, como um local para os membros da elite americana exibirem suas propriedades, sejam elas animais, ou mesmo humanas, em busca da manutenção e ampliação do seu status social. As experiências relatadas pela autora indicam um campo em disputa tanto para os corredores negros, que viam as corridas como uma possibilidade de conquistar algum nível de liberdade, tanto para os proprietários brancos, que as viam como um espaço de legitimação da servidão perfeita para uma nação em construção.

O turfe e a historiografia nacional

Desde o início dos anos 2000, a produção sobre história do esporte no Brasil cresce em quantidade e qualidade, devido ao número de profissionais envolvidos com a temática nos

cursos de graduação e pós-graduação e ao número de alunos interessados em realizar trabalhos de conclusão, dissertações ou teses sobre os esportes, a partir de uma perspectiva histórica. Desde 2003, com a aprovação do simpósio temático “História do Esporte e do Lazer no Brasil” ou “História da Educação Física e do Esporte” pela Associação Nacional de História (ANPUH), consolidou-se um campo comum de debate de pesquisa sobre essa temática (SANTOS; GIGLIO, 2020).

Para melhor mapear a produção nacional sobre o turfe, um levantamento nas bases acadêmicas de pesquisa Google Scholar, Scielo e no Portal de Teses e Dissertações da CAPES com as palavras-chave “turfe” e “turf”, mostra que nos últimos vinte anos foram realizados 45 trabalhos que investigaram direta ou indiretamente este esporte equestre no Brasil, sendo apenas sete realizados na primeira década do século XXI. Nota-se um crescimento vertiginoso da quantidade de produções sobre este esporte no Brasil nos últimos dez anos. Os trabalhos selecionados neste levantamento são todos produzidos a partir de uma perspectiva histórica, não necessariamente conduzidos por historiadores de formação, mas por pesquisadores preocupados com os debates teóricos e metodológicos da disciplina História. O desenvolvimento do campo da história do turfe é ainda bastante incipiente, mas deve-se muito às contribuições das produções de outros departamentos de diversas universidades brasileiras. Além dos departamentos de História, com 15 trabalhos, destaque para os departamentos de Antropologia, com sete, e especialmente, o de Educação Física, com 19, de onde surgiram as primeiras pesquisas voltadas para esta temática esportiva. Os trabalhos foram distribuídos por diferentes abordagens de perspectiva histórica, com ênfase para história social (19), história cultural (15) e história econômica (3), entre outros.

Um dos primeiros trabalhos que iniciam essa trajetória da historiografia do turfe nacional, é a tese de Victor Andrade de Melo (2001), defendida no departamento de Educação Física na Universidade Gama Filho. O autor apresenta uma história social dos primórdios dos esportes modernos na cidade do Rio de Janeiro. Dentre eles está o turfe, um esporte no qual a elite patriarcal desenvolve suas relações políticas e sociais no interior dos clubes de corrida, mas que também permite o envolvimento, ainda que limitado, das camadas populares e das mulheres. Outra pesquisa, também pioneira, é de Ricardo Figueiredo Lucena (2000), para título de doutor em Educação Física na UNICAMP, em que o autor discute os diferentes significados do esforço civilizador que os esportes modernos trouxeram para a cidade do Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX.

Anos mais tarde, fundamentado nas questões da história cultural, Melo (2008) aborda as relações entre os esportes, a propaganda e a publicidade e apresenta o papel fundamental que a imprensa teve na difusão e no desenvolvimento do turfe no último quartel do século XIX na cidade do Rio de Janeiro. Num contexto cultural em que o número de propagandas das atividades esportivas organizadas pelos clubes era massivo nos jornais impressos, o consumo do esporte, em especial o turfe, ocupou um lugar de destaque na divulgação e fixação de ideias em torno da modernidade. Segundo Melo, diversas empresas passaram a associar seu nome e de seus produtos à diferentes modalidades esportivas, como uma estratégia publicitária. Estas aproximações entre a imprensa e os esportes, em geral, é um debate bastante caro à historiografia nacional, contendo um grande número de trabalhos sobre essa temática. Um dos motivos, possivelmente, deve-se ao fato de algumas pesquisas recorrerem às fontes dos periódicos impressos, uma tipologia documental bastante comum na historiografia do esporte.

Uma das temáticas presentes nos trabalhos historiográficos sobre o turfe no Brasil é a questão de gênero e a participação das mulheres no universo deste esporte. As pesquisas de Miriam Adelman (2008, 2011) apresentam uma abordagem etnográfica da participação da participação feminina no turfe brasileiro, um esporte de homosociabilidade, argumenta a socióloga, em que há a exclusão da participação ativa das mulheres, implícita ou explicitamente, e a autoridade masculina sobre os espaços públicos tem sido constantemente questionada e enfrentada, construindo novas formas identitárias da subjetividade feminina e do significado de ser mulher. Pereira, Silva e Mazo (2011) também buscam identificar o papel das mulheres nas práticas equestres em Porto Alegre, a partir da Revista do Globo, de 1929 a 1967. Segundo as autoras, a presença feminina no turfe é limitada à assistência e ao embelezamento do ambiente, diferente do hipismo, onde as mulheres competem com igualdade com os homens, evidenciando imagens opostas sobre suas participações. Mais recentemente, Malvar e Sant'anna (2017) apresentaram um trabalho de conclusão de curso para o título de jornalista sobre a presença das mulheres no Jockey Club de São Paulo. Observa-se, a partir de diferentes aportes teóricos, que o objeto de pesquisa sobre a participação das mulheres no mundo do turfe tem sido questionado e disputado pelos trabalhos.

Há uma grande quantidade de trabalhos que relaciona o estado do Rio Grande do Sul e suas cidades com a cultura equestre desenvolvida nessa região. Isso se deve, em grande medida, ao grande número de pesquisas realizadas por alunos e professores das universidades deste estado, como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade Federal

do Rio Grande (FURG) e a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Os artigos de Pereira, Mazo e Lyra (2010) e Pereira, Silva e Mazo (2010, 2014) traçam as origens dos prados da cidade de Porto Alegre desde as corridas em cancha reta na segunda metade do século XIX, passando por elementos da cultura equestre gaúcha. A passagem das carreiras em linha reta para as pistas circulares ou elípticas, uma mudança fundamental para o impulsionamento e desenvolvimento desse esporte, é entendido pelas autoras como uma necessidade da elite portalegrense para poder melhor receber os entusiastas deste esporte. As pesquisas procuram identificar na cultura sul-rio-grandense, práticas equestres que contivessem elementos de esportivização, segundo o referencial teórico de Guttman (1978) e Elias (1994). O assunto também é tratado na dissertação de mestrado de Ester Liberato Pereira (2012) para a obtenção do título de mestre em Ciências do Movimento Humano, um programa de pós-graduação ligado a Escola de Educação Física da UFRGS.

Ainda sobre os trabalhos produzidos na região gaúcha, as questões acerca das identidades e do associativismo esportivo também estão presentes nos trabalhos levantados. Utilizando de um conjunto de fontes documentais impressas, as investigações realizadas por Silva, Pereira e Mazo (2012) e Mazo e Pereira (2013), revelam os clubes como espaço de socialização e lazer da elite gaúcha, onde a prática do associativismo era vista como uma estratégia de manutenção das tradições ligadas à cultura imigrante, sejam elas teuto-brasileiras ou luso-brasileiras. A partir do referencial teórico de Elias (1994), os trabalhos de Pereira (2016) e Pereira, Mazo e Bataglioni (2019), identificam a equitação como uma prática sociocultural desenvolvida pelo conjunto ser humano/cavalo, quando o primeiro estiver montado sobre o dorso do segundo. Dessa forma, as autoras mostram a historicidade do conceito de hipismo, da qual a palavra “turfe” estava inserida, e entende essas práticas socioculturais equestres enquanto produções manifestadas com base nas redes de interdependência, como a esfera de classe, mercado, tradição, esporte, cultura.

Nos últimos dez anos, outros trabalhos que investigam o turfe no Rio Grande do Sul foram realizados a partir de diferentes abordagens. A dissertação de Guilherme Rene Maia (2012), apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da UFRGS, relaciona a preservação do patrimônio arquitetônico moderno do Hipódromo do Cristal, em Porto Alegre, com a região em seu entorno e as questões de ocupação do espaço urbano nos tempos atuais. A partir da perspectiva metodológica da História Oral, Xavier, Freitas e Rigo (2014) trabalham as experiências vividas e as memórias das pessoas que estavam nas pistas, no

pavilhão, nas cocheiras e membros da diretoria do Jockey Clube riograndino, para compreender o desenvolvimento e o ocaso do turfe na cidade de Rio Grande (RS). A pesquisa de Cleber Eduardo Karls (2017) emprega o método de análise comparada para entender as diferenças e semelhanças do desenvolvimento do esporte moderno no século XIX na cidade do Rio de Janeiro e Porto Alegre, uma abordagem pouco explorada na historiografia do esporte no Brasil. A tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), identifica diferentes leituras e significados atribuídos ao turfe pelas sociedades carioca e gaúcha. É especialmente nesses casos, em que as semelhanças históricas não implicam necessariamente aproximações, que o método de história comparada tem um serviço considerável de descobrir as verdadeiras causas dos fenômenos, sem simplificações (Bloch, 1998). Por fim, a partir de uma abordagem econômica, também pouco utilizada nas pesquisas, Santos (2018) apresenta um trabalho que investiga as tensões entre os clubes de corrida de cavalo e as carreiras de cancha reta no Rio Grande do Sul, na passagem do século XIX para o XX, apontando diferentes perspectivas para o estudo das corridas de cavalo neste estado.

São raros os trabalhos da historiografia econômica brasileira que utilizam o esporte como objeto de estudo. Santos (2015) nos apresenta outra possibilidade, ao examinar a organização da produção de corridas de cavalo no Rio de Janeiro, entre 1850 e 1930 e o seu processo de monopolização. Dentre os vários clubes que deixaram de existir neste processo, apenas o Jockey Club e o Derby Club sobreviveram, se unindo mais tarde como o Jockey Club Brasileiro e consolidando a monopolização dos eventos turfísticos da cidade. Mais tarde, Santos e Giglio (2017) analisam como se deu a formação da identidade organizacional da Sociedade Jockey Club e como seus gestores a promoveram em consonância com os anseios do Estado. Como resultado, mostrado no trabalho anteriormente citado como parte do processo de monopolização, essa sociedade esportiva obtinha vantagens competitivas com relação aos outros clubes e, publicando estes discursos nos periódicos impressos da época, ampliavam mais sua relevância e autenticidade na construção de sua memória.

Acima, foram apresentadas algumas das inúmeras possibilidades de estudar o turfe no Brasil por uma abordagem econômica. A boa parte delas, inclusive da historiografia internacional, se dedica a entender a importância da movimentação da casa de apostas e o valor dos prêmios oferecidos, como um fator fundamental para o sucesso do empreendimento esportivo. A dissertação de mestrado em Antropologia de Rafael Velasquez (2015), analisa o

processo de construção do conhecimento do turfista-apostador do hipódromo da Gávea no Rio de Janeiro, não apenas pelo saber que eles tinham dos próprios cavalos de corrida, como também pelas trocas de informações que eram trocada nas mediações do clube, tornando as apostas um jogo social. Labronici (2016), em sua tese em Antropologia, também entende as apostas como práticas mediadoras de relações sociais entre os apostadores. A partir da sua experiência antropológica nas visitas às agências de apostas credenciadas pelo Jockey Club Brasileiro e no próprio hipódromo do Rio, o autor nos apresentou diversas variáveis que compõe o mundo das apostas, como o conhecimento sobre os cavalos, as relações de prestígio e de sorte, bem como fatores conscientes e inconscientes que são colocados em disputa nestes espaços de sociabilidade. Aprofundando o entendimento dessas variáveis, Labronici (2018b) debate a negociação específica entre o conhecimento racional e o intuitivo nas casas de apostas do Rio de Janeiro, e o oferece uma nova abordagem sobre o “Vício inerente” (2018a) ao jogo de apostas, reforçando a ideia de que é preciso ir além das estruturas de personalidade dos indivíduos para revelar as premissas das categorias “vício” e “viciado”, dotadas de preconceitos e estigmas sociais. Labronici (2019) conta que o apostador, inclusive, pode se tornar um devedor tanto da casa de apostas, quanto de outros jogadores, e estando nesta condição, ele deve obedecer determinados códigos de conduta ou respeitar o prazo, muitas vezes subjetivo, para o pagamento da dívida. Neste trabalho, o antropólogo amplia o entendimento da economia das apostas, para além das dívidas, e evidencia que o valor do dinheiro é sempre relativo à ocasião.

Ainda com referência à cidade do Rio de Janeiro como palco destas manifestações esportivas, a dissertação de mestrado de Rocha (2013), realizada no departamento de Educação, revela uma nova abordagem para os estudos sobre o turfe. O autor realiza entrevista com jovens atletas entre 16 e 19 anos em processo de profissionalização no turfe carioca, com o intuito de explorar o dilema de decidir entre a vida esportiva e a escola formal. A respeito dos primórdios do esporte moderno na cidade do Rio de Janeiro, Melo (2015a) investiga os motivos que levaram os clubes esportivos de turfe e remo a prosperarem com relação à prática do cricket. Segundo o autor, o campo esportivo se constrói a partir da dimensão interna, os sujeitos envolvidos nas agremiações, e a externa, relativa às condições do contexto da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Há uma grande diferença com relação às dimensões internas do remo e turfe, explica Melo (2015b). Enquanto a primeira, há uma maior participação

da elite agroexportadora, na segunda os sujeitos envolvidos compunham parte da elite urbana e comercial da cidade.

A grande maioria das possibilidades de investigação apresentadas até aqui, sugerem um empreendimento esportivo de sucesso nas grandes cidades, geralmente analisando o envolvimento da elite com o esporte e o conseqüente afastamento das classes populares. Melo (2018) nos apresenta uma nova possibilidade de estudo a partir da perspectiva das experiências dos clubes de corrida. Neste trabalho, o autor discute as primeiras iniciativas de clubes de turfe e remo que surgiram em Niterói, nas décadas de 1870 e 1880, período pelo qual a cidade passava por profundas transformações. A respeito do hipódromo do Club de Corridas Santa Cruz, Melo (2019) nos apresenta os diversos conflitos que o clube enfrentou na primeira década do século XX, por estar localizado num bairro suburbano da cidade do Rio de Janeiro. Os estudos sobre o Prado Guarany, de Melo e Chevitaese (2018, 2020), também revela um hipódromo, considerado à época, de baixa qualidade, devido às constantes confusões em dias de evento. Essas pesquisas sobre clubes de corridas com duração mais efêmera, produzidas a partir da perspectiva da experiência, tem um longo campo para ser descoberto, podendo auxiliar a compreensão do processo de urbanização de cada cidade.

Podemos observar que a maioria dos trabalhos selecionados neste levantamento se dedicaram a estudar o turfe nas cidades de Porto Alegre ou Rio de Janeiro. Por conseqüência, a investigação sobre este esporte em outras cidades brasileiras ainda é bastante incipiente. Para a cidade de São Paulo, Junior (2013), utilizando de fontes impressas periódicas, mostra como a população paulistana se apropriou dos esportes europeus na passagem do século XIX para o XX. A tese em história social de Wilson Gambeta (2013), embora tenha como foco o velódromo paulista e os espetáculos de futebol, também trata das associações esportivas que foram criadas na virada do século XIX para o XX, como o Club de Corridas Paulistano. O autor defende que os clubes esportivos são como “extensão da família ou melhor, como um círculo expandido de parentesco”, onde se é possível travar relações extra econômicas. (GAMBETA, 2013, p. 195). Por fim, com uma contribuição significativa para os estudos do lazer na cidade de São Paulo no século XIX, Santos (2017) defende sua tese em Educação Física, indo de encontro com uma parcela da historiografia sobre São Paulo, que a compreende como uma cidade pacata, sem vida e divertimento. Dentre as práticas levantadas pela autora, a corrida de cavalo foi a mais associada ao conceito de divertimento pelos jornais da época.

Com relação a outras cidades, podemos verificar um pequeno número de trabalhos sobre essa temática. Para Curitiba, Silva (2015) discute as novas formas de comportamento na passagem do século XIX para o XX, e sua influência na consolidação do esporte moderno nesta cidade. Sobre Manaus, Souza (2017) aborda o Prado Amazonense como um espaço de sociabilidade, num período de intensas transformações sociais e estruturais na cidade. A respeito do turfe internacional pesquisado no Brasil, encontramos o trabalho de Correa (2013) que analisa as associações de corridas de cavalo na colônia alemã do sudoeste africano, como protagonistas do processo de formação do campo esportivo, e a pesquisa desenvolvida por Piovani, Rinaldi e Junior (2019), sobre a modernidade e o esporte no Uruguai no início do século XIX.

Considerações finais

Quando um pesquisador escolhe o turfe como objeto de pesquisa, o intuito maior não é escrever somente a história das corridas de cavalo, mas, a partir de diferentes recursos teóricos e metodológicos, utilizar deste esporte como uma janela para se entender outras questões da sociedade, como as de política, de raça, de gênero, de classe. Para os autores do prefácio do livro “Na saúde e na doença” (ALMICO, GOODWIN JR, SARAIVA, 2020) “[a]s pessoas que fazem a história das corridas de cavalo – e deve existir quem as faça – podem dizer, às vezes com segurança, quem ganhou as corridas no passado (...)”, mas suas análises são “só projeções mais ou menos infundadas e sem base ou rigor científico. Talvez menos confiáveis que os palpites dos apostadores”. Como pudemos observar pelos trabalhos acima levantados, nem as pesquisas desenvolvidas sobre o turfe estão sem embasamento, e tão pouco os palpites dos apostadores são infundados. Pelo contrário. Vimos trabalhos diversos, a partir de diferentes abordagens, nos apresentando diferentes olhares sobre a sociedade, possibilitando, algumas vezes, compreender a própria história do esporte.

A análise historiográfica aqui desenvolvida, a partir de um levantamento prévio dos trabalhos sobre o turfe dentro e fora do Brasil, nos ajuda não só a mapear aquilo que já foi produzido no campo historiográfico nacional, como também, a identificar as lacunas de pesquisa que as produções internacionais nos permitem perceber. Dentre as abordagens, há um maior número de trabalhos voltados para a história social e a história cultural, relacionando a formação do esporte e o seu envolvimento com a elite, além das importantes pesquisas que se

dedicam a mostrar o papel das mulheres nos diferentes esportes equestres, em diferentes temporalidades.

A formação do campo de história do turfe no Brasil, ainda bastante incipiente, tem contribuições fundamentais de outras Ciências Humanas e, principalmente, da Educação Física. Trabalhos destas áreas sobre esta prática esportiva, tanto sobre os dias de hoje, quanto sobre o passado, fornecem elementos históricos fundamentais para o desenvolvimento destes estudos. No entanto, podemos notar, que nos últimos vinte anos, há pouco avanço com relação às abordagens teóricas e metodológicas da ciência história. Com isso, a grande maioria das pesquisas, recorrem às fontes dos periódicos impressos. Sabendo da facilidade de encontrar essa tipologia documental e, da dificuldade de acessar outros documentos, sobretudo de arquivos privados, a diversificação das fontes é fundamental para que uma pesquisa em história possa apreender não apenas o fenômeno esportivo, mas sua dinâmica histórica e seus diferentes conflitos (de classe, de gênero, de memória).

Dessa forma, tendo como referencial um panorama das produções internacionais, podemos observar um vazio historiográfico na produção brasileira. Das poucas pesquisas que estudaram o turfe com a perspectiva econômica, prevaleceu uma abordagem a partir das categorias marxistas de monopolização do mercado esportivo, e de legitimação das políticas dos clubes com base nos interesses do Estado. Não se deu a devida atenção ao volume de capital movimentado pelos clubes e pelas casas de aposta, apesar dos valores citados nos trabalhos. Ainda que os jornais da época relatam em suas notícias as arquibancadas dos prados lotados, poucos trabalhos foram feitos com profundidade sobre essa categoria específica. Uma história vista de baixo, colocando em evidência a classe trabalhadora envolvida no evento esportivo, e suas relações com os clubes e com os proprietários de cavalo se apresenta como outra possibilidade dentro deste rol. O turfe é um dos poucos esportes em que a instituição da escravidão ainda vigorava no território brasileiro e, no entanto, não há nenhum trabalho que mergulhe de fato nessas questões. As possibilidades de investigação histórica e apreensão das diferentes sociedades a partir das corridas de cavalos são múltiplas, mas ainda pouco desbravada pelos pesquisadores brasileiros.

Referências bibliográficas

ADELMAN, M.; Moraes, F. A. Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro. *Esporte e Sociedade*, v. 3, p. 1-29, 2008.

_____. As mulheres nos esportes equestres: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), v. 19, p. 931-953, 2011.

ALMICO, Rita de Cássia da Silva; GOODWIN JR., James William; SARAIVA, Luiz Fernando (orgs.). *Na saúde e na doença. História, crises e epidemias: reflexões da história econômica na época da covid-19*. 1ª ed. São Paulo: Hucitec, 2020.

BLOCH, Marc. “Por uma história comparada das sociedades europeias”. In: Idem. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, pp. 119-150.

CORREA, Silvio Marcus de Souza. As corridas de cavalo na colônia alemã do sudoeste africano (1884-1914). *Cadernos de Estudos Africanos*, v. 26, p. 127-152, jul-dez. 2013

CRUMP, Jeremy. “Horseracing and liberal governance in nineteenth century Leceister” *Sport in history*. Vol. 36, p. 190-213, 2016.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1 v., 1994.

GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GLEAVES, John. Enhancing the Odds: Horse Racing, Gambling and the First Anti-Doping Movement in Sport, 1889–1911. *Sport in History*, v. 32, n.1, p. 26-52, 2012.

GUTTMAN, A. *From ritual to Record.: the nature of modern sports*. New York: Columbia University, 1978.

HORA, Roy. *Historia del turf argentino*. Buenos aires: Siglo Vientiuno Editores, 2014a.

_____. “El turf como arena de disputa social. Jockeys y propietarios em el hipódromo argentino de fines del siglo XIX”. *Anuário de História da América Latina*. V. 51, n. 1, p. 303-327, dez. 2014b.

_____. “Perón y el jockey club: disputas en el turf en la era peronista (1946-1955)”. *Recorde*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-29, 2018.

JUNIOR, Edivaldo Gois. “O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX”. *Movimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 95-117, out-dez. 2013.

KARLS, Cleber Eduardo. *Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em História) Rio de Janeiro: Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada – UFRJ, 2017.

KITANI, Enzo; BERTAZOLLI, Gabriel. “Jockey Club do Paraná: do surgimento aos dias atuais.” *Revista NEP*, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 166-176, dez. 2019.

LABRONICI, Romulo Bulgarelli. *Na pata do cavalo: um estudo etnográfico com apostadores do turfe em agências credenciadas do Jockey Club Brasileiro*. Tese (Doutorado em Antropologia) Niterói: Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Universidade Federal Fluminense, 2016.

_____. “O vício inerente: fronteiras materiais, simbólicas e morais nas apostas do turfe” *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 43, n. 1, p. 67-92, 2018a.

_____. “Da pata do cavalo ao pé de coelho: razão e sorte no processo de elaboração de apostas no turfe”. *Etnográfica*, v. 22, n. 3, p. 481-501, 2018b.

_____. “A dívida galopante: a economia das apostas e os significados dos usos do dinheiro no turfe”. *Sociologia antropológica*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 185-209, jan./abr. 2019.

LUCENA, Ricardo Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Tese (Doutorado em Educação Física) Campinas: Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MAIA, Guilherme R. *Jockey Club no Rio Grande do Sul: Patrimônio moderno e requalificação urbana*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MALVAR, Bruna; SANT’ANNA, Lara. *Foi dada a largada: a presença da mulher no Turfe e o Jockey Club de São Paulo*. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual de São Paulo, 2017.

MAZO, Janice Z.; PEREIRA, Ester L. “Primórdios do esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo.” *Memórias do esporte e do lazer no RS*. Porto Alegre, p. 15-26, 2013.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. “Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 29, n. 3, p. 25-40, maio 2008.

_____. “O esporte em transição: Rio de Janeiro, 1851-1868”. *Movimento*. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 363-376, abr/jun, 2015a.

_____. “Entre a elite e o povo: o sport no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857)”. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 37, p. 208-229, jan, 2015b.

_____. “Corridas Santa Cruz (Rio de Janeiro, 1912/1918)”. *Revista Topoi*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 40, p. 157-184, jan.-abr. 2019.

_____. “Forjando a capital: as experiências dos primeiros clubes de turfe e remo de Niterói (décadas de 1870-1880)”. *Tempo*. Niterói, v. 26, n. 1, p. 43-66, jan./abr. 2020.

MELO, Víctor Andrade de; CHEVITARESE, André Leonardo. “Embates na sociedade fluminense: a experiência do Prado Guarany (1884-1890)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 38, n. 78, p. 235-258, 2018.

_____. “Uma arqueologia do esporte: a paisagem do Prado Guarany (1884-1890)”. *História* (São Paulo. Online), v. 39, p. e2020002, 2020.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. História do Esporte: panorama e perspectivas. *Fronteiras*, V. 12, n. 22, p. 11-35, 2010.

MOONEY, Katherine Carmines. *Race horse men: how slavery and freedom were made at the racetrack*. Cambridge, MA: Harvard University, 2014.

PEREIRA, Ester L. *As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) Escola de Educação Física – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

_____. *Configurações sociohistóricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres*. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) Escola de Educação Física – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PEREIRA, Ester L.; BATAGLION, Giandra A.; MAZO, Janice Z. “Eventos e tradição familiar no hipismo sul-riograndense nas primeiras décadas do século XX”. *Hydra*, vol. 3, n. 5, p. 154-192, mar. 2019.

PEREIRA, Ester L.; MAZO, Janice ; LYRA, Vanessa. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. *Revista da Educação Física/UEM*, v. 21, n. 4, p. 655-666, 2010.

_____; SILVA, Carolina da; MAZO, Janice. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. *EFDeportes.com*, Revista Digital, ano 15, n. 150, nov. 2010.

_____; SILVA, Carolina da; MAZO, Janice. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas equestres. *Motriz*, v. 17, p. 292-302, 2011.

_____; SILVA, Carolina da; MAZO, Janice. Os primeiros vestígios da esportivização das práticas equestres em Porto Alegre. *Ciência e Movimento*, v. 22, n. 2, p. 121-132, 2014.

PIOVANI, Verónica; RINALDI, Ieda; JUNIOR, Carlos. “Esporte e modernidade no Uruguai no início do século XX: um estudo a partir da revista *sportsman* (1908)”. *Journal of Physical Education*, v. 30, n. e3048, 2019.

PINFOLD, John. “Horse Racing and the upper classes in the nineteenth century”. In: *Sport in History*. vol. 28, n. 3, p. 414-430, 2008.

RIESS, Steven. The Cyclical History of Horse Racing: The USA's Oldest and (Sometimes) Most Popular Spectator Sport. *The International Journal of the History of Sport*, v.31, n.1-2, p. 29-54, 2014.

ROCHA, Hugo P. *A Escola dos Jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Flávia da Cruz. *Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828 – 1889)*. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Economia do entretenimento: o processo de monopolização do primeiro empreendimento esportivo no Brasil (1850-1930)”. *Economia e Desenvolvimento*. Santa Maria, vol. 27, p. 202-222, jan.-jul. 2015.

_____. “Resistência à monopolização do entretenimento: carreiras em cancha reta e nos prados gaúchos na segunda metade do século XIX e início do XX”. *XVI Encontro Estadual de História (ANPUH – RS)*, 2018.

- _____; GIGLIO, Sérgio Settani. O papel da memória na construção da identidade organizacional: a Sociedade Jockey Club (1868-1932) e o desenvolvimento da riqueza pastoril. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-21, jan./jun. 2017.
- SILVA, Marcelo M. “Comportamentos urbanos e esportes: contribuições para a esportivização do turfê e da pelota basca em Curitiba (1889-1905)”. *Licere*. Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 86-115, set. 2015.
- SOUZA, Eliza S. *Panorama do esporte em Manaus – 1897 a 1911*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- TOLSON, John e VAMPLEW, Wray. Facilitation not Revolution: Railways and British Flat Racing 1830–1914. *Sport in History*, v.23, n.1, p. 89-106, 2003.
- VAMPLEW, Wray. *The turf: a social and economic history of horseracing*. London: Allen Lane, 1976.
- _____. Unsporting Behavior: The Control of Football and Horse-Racing Crowds in England, 1875–1914. In: Goldstein, Jeffrey H. (ed). *Sports Violence*. Nova Iorque (EUA): Springer-Verlag, p. 21-31, 1983.
- _____; KAY, Joyce. Captains Courageous: Gentlemen Riders in British Horse Racing, 1866–1914. *Sport in History*, v.26, n.3, p. 370-385, 2006.
- VELASQUEZ, Rafael. *Ciência inexata: Corrida de cavalo & Antropologia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- XAVIER, João F. S.; FREITAS, G. S.; RIGO, Luiz C.; “Dos aplausos às ruínas: uma construção das memórias do turfê no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS”. *Licere*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, jun. 2014.
- WIGGINS, David e MASON, Daniel. “The socio-historical process in sports studies”. In: ANDREWS, David; MASON, Daniel; SILK, Michael (Orgs.). *Qualitative methods in sports studies*. Nova Iorque: Berg, p. 39-64, 2005.

Submetido em: 22/10/2020
Aprovado em: 26/11/2020
Publicado: 08/12/2020

¹ Possui graduação e licenciatura em História pela Universidade de São Paulo (2018). Realizou alguns projetos junto ao LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Futebol e Modalidades Lúdicas) desde 2012, como o "Brasil na Arquibancada" (2012) e "Vista sua camisa com orgulho" (2014).